

## **Mutirão permanente de plantio coletivo contra a fome pela soberania no campo e no prato.**

SILVA, Janayna Aurya Rodrigues da<sup>1</sup>; CAMARGO, Lorena Araujo<sup>2</sup>;  
POLIDORO, Ines Fátima<sup>3</sup>; LAUBER, Franciele Cristina<sup>4</sup>; SPILLER, Marianne<sup>5</sup>  
<sup>1</sup>Coletivo Hortas Curitiba e Organização do Plantio Coletivo, auryajanayna@gmail.com;  
<sup>2</sup>Organização do Plantio Coletivo, lorena.araujo.1779@gmail.com; <sup>3</sup>Fundação Vida para Todos e Organização do Plantio Coletivo, i.fatima40@hotmail.com; <sup>4</sup>Organização do Plantio Coletivo, franlauber@gmail.com; <sup>5</sup>Fundação Vida para Todos, marianne@fvida.org.br;

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR**

#### **Eixo Temático: Juventudes e Agroecologia**

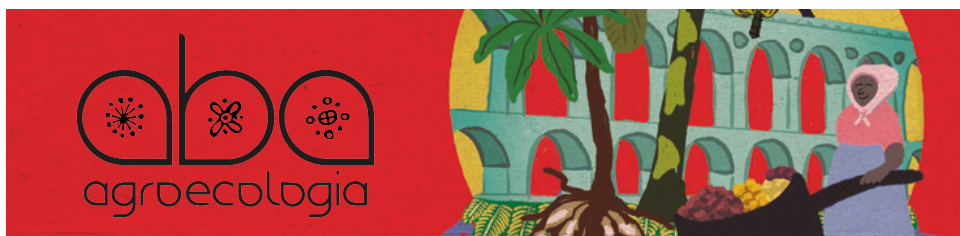
#### **Apresentação e Contextualização da experiência**

O Mutirão Permanente de Plantio Coletivo Contra a Fome Pela Soberania no Campo e no Prato, intimamente denominado Mutirão Permanente Contra a Fome ou Plantio Coletivo, é um movimento que reúne jovens urbanos militantes, agricultoras(es) rurais, agricultoras(es) urbanos, lideranças comunitárias, indígenas, estudantes universitários entre outros mutirantes em Mandirituba no Paraná num ato solidário para produção de alimento para distribuição donatária, além da troca de saberes sobre agroecologia e luta pela soberania alimentar.

A contextualização dessa história remonta o ano de 2020, onde uma ação foi iniciada a partir do Mutirão do Bem Viver Nacional, que articulou uma vaquinha virtual para arrecadar recursos em uma campanha de compra e distribuição de alimentos agroecológicos. Tecendo uma rede, o Mutirão, com auxílio da ABAI, juntamente com a Pastoral da Terra e a colaboração dos pequenos agricultores de Mandirituba, montou e distribuiu centenas de cestas de alimento agroecológico às famílias em situação de vulnerabilidade por meio desse financiamento coletivo. Esses jovens, que iniciaram esse processo, realizaram mutirões nas casas dos agricultores para exercitar a partilha e ampliar seus conhecimentos sobre agroecologia.

De 2020 a 2021, o trabalho foi sendo realizado dessa forma, até que no final do segundo ano, houve uma mudança na proposta de organização do Mutirão do Bem Viver no âmbito nacional e o grupo paranaense passou a pertencer ao novo Mutirão Pelo Bem Viver que depois viria a se tornar o Movimento Luta. Mesmo com a alteração estrutural, esse grupo de jovens de Curitiba e região metropolitana continuou o desenvolvimento de projetos com o intuito de promover a soberania alimentar e poder popular pautados pela agroecologia. Nesse momento foi fortalecida a relação do projeto com o coletivo Hortas Curitiba que realiza trabalhos de agroecologia e agricultura urbana.

Foi então que, em janeiro de 2022, a atual coordenadora da ABAI, Ines Polidoro, fez um convite para que se unissem em prol da realização prática dos propósitos que compartilhavam, promovendo uma união entre campo e cidade por meio da criação do Mutirão Permanente Contra a Fome Pela Soberania no Campo e no Prato.



Com essa união o novo mutirão possibilitou uma rede que agregou os trabalhos do coletivo Hortas Curitiba, a cooperativa Coopervida e a Associação Brasileira de Amparo à Infância (ABAI), em uma ponte movida pelos antigos militantes independentes do Mutirão Pelo Bem Viver. O Coletivo Hortas Curitiba iniciou seus trabalhos na pandemia e busca gerar democratização do alimento no meio urbano, além de fomentar a educação para cuidado da terra, tendo como base a agroecologia em suas ações. A Coopervida é uma cooperativa agroecológica liderada por mulheres e voltada à agricultura familiar e economia solidária, seu principal objetivo é fortalecer os agricultores cooperados para enfrentar os desafios de produção, comercialização, precarização das políticas públicas nos últimos anos e necessitam de apoio e suporte para que possam permanecer na terra, sustentar suas famílias e acima de tudo preservar o meio ambiente, produzindo comida limpa, saudável e nutritiva de modo sustentável e justo. A Associação Brasileira de Amparo à Infância (ABAI) foi criada em 1979, por um grupo de amigos do Brasil e da Suíça, sob coordenação do arquiteto suíço Geraldo Spiller que encontraram uma oportunidade de mudar a realidade de crianças e famílias vulneráveis socialmente. Em 1980, esse mesmo grupo cria então uma associação de apoio à ABAI.

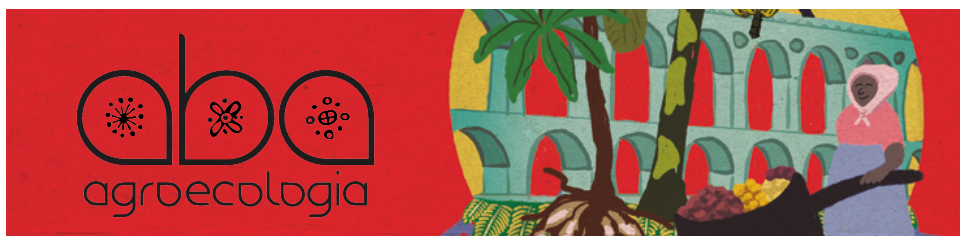
### **Desenvolvimento da experiência**

A experiência oferecida pela ação tem como base o movimento político de luta pela soberania alimentar no campo e no prato, chamando para ir além do manejo de sistemas agroecológicos, trabalhando a educação em agroecologia, além de discutir aspectos socioambientais relevantes. Para isso, o movimento foi ganhando forma com a troca de saberes do campo e cidade, iniciando os trabalhos com a instrução trazida pelos saberes do campo na prática de plantio pela manhã e pela tarde com a discussão de temas e textos trazidos pelos pensamentos urbanos acerca das práticas realizadas, abrangendo as temáticas de acesso aos alimentos, luta por alimentos livres de agrotóxicos, vivências, dentre outras.

Antes realizado quinzenalmente, acontece hoje, todo primeiro domingo do mês no espaço Casa do Bem Comum, terreno cedido pela Associação Brasileira de Amparo à Infância, na cidade de Mandirituba no Paraná. Com organização majoritariamente feminina, conta com a participação de cerca de 35 mutirantes por encontro, entre eles voluntários da comunidade beneficiada, indígenas e estudantes da universidade e pequenos agricultores, formando uma equipe diversa em gênero, origem, idade e ideologia, que refletem juntos sobre as causas da fome, da destruição ambiental e da desigualdade social, buscando caminhos para o bem comum. Tendo como objetivo dar luz às práticas agroecológicas, a convivência e a partilha de alimentos.

### **Desafios**

Os principais desafios enfrentados pelo projeto têm sido a falta de recursos para financiar, principalmente, o deslocamento até o local do projeto viabilizando a troca de saberes. Devido ao alto custo do deslocamento até Mandirituba, os militantes, em sua maioria moradores da Capital, se organizam no grupo do Plantio Coletivo para conseguir caronas. Nem sempre todos conseguem ser atendidos, o que além



de desconfortável dificuldade que seja mantido um grupo dedicado a estar presente. Levamos em consideração também que o intuito é que o movimento se expanda por mãos populares e que atinja o maior número de famílias possível, colocando a questão dos deslocamentos como nosso principal desafio.

### **Principais resultados alcançados**

Com a experiência é possível ver o quanto cada vez mais jovens e agricultores se conectam por causa da agroecologia, onde os mutirantes que passam a cada encontro levam consigo a semente da soberania alimentar, preservação da biodiversidade e da vida humana em integralidade. Além disso, juntos plantaram vida num terreno de cerca de 10 mil metros quadrados, recuperando a área antes degradada e garantindo que ela pudesse exercer sua função social.

Todo alimento produzido foi e continuará sendo distribuído. Centenas de cestas foram entregues desde o início do projeto, dentre as organizações beneficiadas temos o Projeto Move vidas do bairro Caximba (Curitiba), Juventude Araucariense de Araucária - PR (Região Metropolitana), Comitê das Mulheres Contra a Fome de Mandirituba - PR (Região Metropolitana), Aldeia Indígena Kakané Porã do bairro Campo de Santana (Curitiba) e as Mulheres do Reciclado do bairro Caximba (Curitiba), sendo os três últimos grupos representados por mutirantes que se juntaram ao coletivo para produção dos alimentos compartilhados.

### **Disseminação da experiência**

A ação proposta pelo Plantio Coletivo tem ajudado diversas famílias e comunidades, fazendo com que os mesmos se apropriem do processo de plantio e discussão pós-prática. Um exemplo que demonstra essa difusão do movimento foi a mobilização para a implantação de uma horta para o grupo Comitê das Mulheres Contra a Fome de Mandirituba.

A experiência de plantar em grupo e sustentar a prática em boas e construtivas discussões políticas pode ser uma forma de ampliar o conhecimento geral sobre a agroecologia. Os efeitos são em cada participante, ampliando nosso poder de reflexão e nossa empatia para com a questão da fome. Nos relatos adaptados de um dos estudantes de medicina da universidade que passou uma temporada trabalhando conosco:

*“Eu nunca imaginei, de dentro da minha bolha, que o problema da fome era tão diverso, além de escolher a boa alimentação, além da consciência nutricional, precisamos olhar para o alcance desses alimentos às populações. Após essa experiência vou sempre lembrar de identificar qual a possibilidade da pessoa de acessar determinado alimento antes de receitar uma dieta.”*

O Mutirão Permanente contra a fome é nosso caminho para na realidade transformar o mundo e as coisas ao nosso redor, além de plantar sementes de novas trocas, saberes populares e agroecologia como essa ciência ancestral e atual que se inter cruzam para se mostrar mais que teorias ou práticas pré-definidas, mas gerar a diversidade de pensamentos, pessoas e alimentos.